Espaço e Economia
Revista brasileira de geografia econômica

8 | 2016
Ano IV, Número 8

Produção e re-produção

Henri Lefebvre

Translator: Marcio Rufino Silva (Professor Adjunto DEGEO/UFRRJ)

Publisher
Núcleo de Pesquisa Espaço & Economia

Electronic version
URL: http://
espacoeconomia.revues.org/2185
ISSN: 2317-7837

Electronic reference
Henri Lefebvre, « Produção e re-produção », *Espaço e Economia* [Online], 8 | 2016, posto online no dia 23 Setembro 2016, consultado o 18 Outubro 2016. URL : http://espacoeconomia.revues.org/2185

This text was automatically generated on 18 octobre 2016.

© NuPEE

Produção e re-produção

Henri Lefebvre

Translation : Marcio Rufino Silva (Professor Adjunto DEGEO/UFRRJ)

REFERENCES

LEFEBVRE, Henri. Production e re-production. In: Le retour de la dialectique: 12 mots-clefs pour le monde moderne. Paris : Messidor/Éditions Sociales, 1986, pp. 97-102.

1 É lentamente, mas de modo irresistível, que se elevam à consciência e à linguagem, depois ao conceito e à teoria, ao pensamento e às atividades fundamentais: o trabalho (e a produção) – a sexualidade (e o amor) ou, ainda, o jogo. E a (o) política (o). E o cotidiano. E a guerra.

2 As "condições" históricas, econômicas etc. permitem compreender, em retrospectiva, os obstáculos a essa elevação, e a própria elevação enquanto tal. Tem-se afirmado muitas vezes como o desprezo pelo trabalho (produtivo), deixado aos escravos e depois aos servos, tornava difícil o conhecimento dessa capacidade produtiva; e como foram necessários a indústria e o aparecimento do trabalhador "livre" (alienado, mas livre) para que o trabalho se tornasse categoria, conceito, teoria.

3 Esse movimento não tem muito em comum com a "passagem do inconsciente à consciência", com o "dizer o não-dito" ou o "pensamento do impensado". Essas metáforas psicológicas e sociológicas buscam condensar um vasto processo. Elas passam ao largo; elas evitam, sobretudo, considerar as obras nas quais emerge o que um longo devir histórico preparou; entre outras, a obra de Marx, de onde se percebe, por assim dizer, vicejar "realidades" e "ideias" em marcha desde os tempos antigos: a *troca* (a mercadoria e o mercado com suas implicações, o dinheiro, o capital) – o *trabalho* (e a produção) – a *classe* (social e política). Um marco, ainda que caia no esquecimento ou se busque apagá-lo.

4 O conceito de *produção* passou por longas provações. Tratava-se apenas, inicialmente, dos *produtos* e das *coisas* produzidas, dos "objetos" ou do "objeto" em geral na abstração.

Posteriormente, entram em cena os atos produtivos, inicialmente representados como individuais, subjetivos. Enfim, a pesquisa teórica descobre o "sujeito coletivo", os trabalhadores, a oficina, a usina e a empresa. Esse caminho perpassa pelos economistas ingleses (Adam Smith, Ricardo), a sociologia política francesa (Saint-Simon, Fourier) e a filosofia alemã (Kant, Hegel) até chegar a Marx. Caminho muitas vezes traçado: balizado e banalizado.

5 O que permanece na sombra é o salto dialético desse conceito (a produção e o trabalho produtivo) de seus predecessores a Marx. Salto ou, ainda, descontinuidade, que não é somente devido à reflexão, a uma apreciação do conceito e sobre o conceito, mas à prática: na industrialização do continente europeu, no início do século XIX. Com Marx, o pensamento prometeico passa audaciosamente do conceito econômico da produção a um conceito filosófico global: a *autoprodução* do ser humano. Pelo trabalho, a espécie humana não se contenta em modificar a natureza material, em conhecer as leis da "matéria", para controlá-la e dominá-la; ela se *produz* no e pelo trabalho produtivo. O *homem* é sua própria criação: ele roubou dos deuses o segredo da criação; Prometeu, o primeiro e o maior dos filósofos, sofreu sobre sua rocha e salvou a espécie humana – Prometeu e não Sócrates, Jesus ou Maomé!

6 Seria essa uma razão suficiente para atribuir a Marx uma espécie de *ontologia* do trabalho? Uma filosofia prática, um pouco dogmática, da produção? Não. Há essa tendência em Marx, tendência eliminada em seguida por certos intérpretes (Lukács), sem dúvida alguma. Mas só há nas obras de Marx esse aspecto. Primeiro ponto: a noção de "natureza" permanece ambígua em sua obra. Afinal, [a natureza] seria o caos, no qual o trabalho e a produção introduziriam uma ordem racional? Mas a "natureza" não se define pela simples desordem, pelas "lutas pela vida", intermináveis e sem rumo, a partir das espécies vegetais e animais. Surgiu aí uma ordem, sem a qual a espécie humana não teria sequer aparecido. Que ordem? Que desordem? Sabemos que Marx se pôs ao lado de Darwin para encontrar uma resposta, pois a dialética hegeliana (mesmo "invertida") lhe parecia insatisfatória.

7 A questão permanece aberta. De todas as formas, a interpretação do pensamento "marxista" como ontologia do trabalho traz uma data. Na segunda metade do século XX, a problemática muda. O que se anunciava anteriormente: Marx, ao final de sua vida, descobre o lazer, e ele aprova paradoxalmente o elogio da preguiça, a partir de seu genro Lafargue. Hoje, a problemática vem do *não trabalho*, que se descobre contraditoriamente: produção automatizada, "usina sem operários", abundância possível – mas nesse horizonte, "crise", desemprego, fome, catástrofes (o negativo enredado ao positivo no decorrer da metamorfose).

8 A autoprodução do humano se confirma, mas de modo surpreendente e imprevisto, pela automatização do trabalho produtivo. Com uma trajetória que reage sobre o conhecimento do passado, tal qual o do presente e do futuro. A história do trabalho produtivo se reescreve, considerado técnicas (que Marx não negligenciou), mas sobretudo da passagem da *ferramenta* à *máquina*, difícil passagem que não está encerrada. Longe disso!

9 Realização do ser humano pelo trabalho e no trabalho? Não. Mas, o *fim do trabalho*. Isso teve, como tudo no mundo, seu início, seu apogeu e seu fim – sua gênese e seu declínio. Fim próximo? Amanhã? Não, certamente não, mas certamente um horizonte e um sentido – mutação e "crise".

10 Marx sabia e dizia que a classe operária deveria vir a se negar para se superar. Aqui estamos: *Hic Rhodus, hic salta* (fórmula emprestada de Marx, que a mantinha da tradição ocidental: é aqui onde se deve saltar). A classe operária também terá seu "fim": se realizará, desaparecendo, porém; tomando, segundo Marx, a direção e o domínio do devir que vai em direção a esse fim, de maneira que o processo se complete com o mínimo de danos possível – ou ainda, isso será o máximo de riscos.

Produção e re-produção

11 Este é um outro ponto, igualmente central, e uma problemática que não exclui a precedente, mas que não se compatibiliza com ela. Quem diz *produção*, diz também *re-produção*. Isso tem vários níveis e aspectos: *o biológico e demográfico* (reprodução da condição essencial do trabalho: os trabalhadores) – *tecnologia* (reprodução dos meios de produção, ferramentas e máquinas, saber e técnicas, organização do trabalho) – *econômico* (reprodução dos objetos da troca, das relações da troca) – e enfim *sócio-política* (reprodução ou não das relações sociais de produção, portanto, de propriedade).

12 Se aceitarmos essa análise, é evidente que os conflitos no interior da produção entre a mudança das relações (sociais de produção) e a reprodução são inevitáveis. As mudanças só podem se completar através da reprodução; isso pode se confirmar na reprodução do Mesmo ("do similar ao mesmo", diz a linguagem corrente), nas relações existentes, o "real". Ou, inversamente, *produzir* (inventar ou criar) novas relações.

13 Dito de outro modo, o diferente sai (nasce) do idêntico; e o devir passa pelo (através do) repetitivo. Paradoxo? Sim: dialético. O que acontece ou não, o que advém ou não, depende de uma conjuntura, que tem sucesso ou fracassa em romper a estrutura. No conjuntural, há uma sorte de acasos e uma parte de decisões (de inteligência, iniciativas individuais, conhecimento ou desconhecimento). Portanto, uma parte de imprevisto: desafios e probabilidades. Portanto, bifurcações, retrocessos (possíveis) e ainda catástrofes eventuais, segundo a teoria do devir por metamorfoses.

Re-produção e repetição

14 A análise que precede retoma, em algumas palavras, as análises críticas, frequentemente incompletas ou incompreendidas, correntes "marxistas"... Ela não considera ainda o que aconteceu no século XX, sobretudo na segunda metade deste século. A produção *atravessa*, nesse período, uma modificação *qualitativa*. Anteriormente, o crescimento quantitativo predominava enormemente; produz-se quase exclusivamente "coisas", "objetos", produtos materiais, tanto na chamada "indústria pesada" e na produção dos meios materiais de produção siderúrgica (máquinas e ferramentas) quanto na chamada "indústria leve", que produz para o consumo.

15 Mais ou menos a partir de 1960 produzem-se cada vez mais imagens, textos e *signos*. O que mais de um observador ou analista estudou, nem sempre evitando um abuso de linguagem. A produção "material" não desapareceu, supostamente anulada diante da produção "imaterial". Porém, o que caracteriza até certo ponto essa nova produção (não diremos "esse novo modo de produção", pois o modo de produção permanece precisamente o mesmo!) não se aproximaria "paradoxalmente" da *reprodução*? Sendo a *imagem* ambígua, qualquer um sabe que ela permite sonhar, inventar e criar; porém, na

maior parte dos casos, ela *reproduz* (ou imita e "estimula") uma "realidade" já existente. O informacional reproduz ou sugere, ou melhor, torna "presente" o real. A imagem, o texto e a informática *reproduzem* e são *reproduzíveis* (indefinidamente). A produção mesma de objetos se projeta da reprodução (modelagens etc.). O repetitivo invade a produção, que parecia aberta à novidade perpétua. Essa relação entre a produção, a reprodução e a repetição pesa bastante sobre a prática social. Um conflito se esboça e se agrava entre a produtividade (repetitiva) e a "criatividade", conflito que se resolve falaciosamente em declamações, mas que evoca a "crise" e, consequentemente, a transformação cultural que, ao mesmo tempo, ele exige e inibe, chama e paralisa!

16 Igualmente, isso ocorre na política e no social (esmagado sob o peso do repetitivo). A recondução das relações sociais se faz "naturalmente", pela força das coisas, dessas "coisas" que não são, dessas tradições que fazem e que são o "real". Certamente, encontram-se numerosos analistas para denunciar esse "real", às vezes duro e fantasmagórico, simulado e rigorosamente implacável, ordem contendo sua desordem (a menos que a desordem não contenha e não sustente sua ordem, o que retorna ao *mesmo*). Mas essas análises puderam penetrar no "público" que ele mesmo penetra profundamente no "privado", vida prática e consciência. Para mudar "algo", não seria necessário muito ou "tudo" mudar? Mas o que é esse "tudo"? Onde e como consegui-lo, sem risco de catástrofes – ou de consolidação do que desejamos transformar? Para mudar o "modo de produção", parece necessário um esforço titânico, *prometeico*, reunindo em uma aliança – uma conjuntura e um projeto – forças diversas. A menos que o acaso não disponha disso de outra forma...

O produtivismo

17 É uma ideologia. Justamente porque ele ingressa na prática, estimulando a produção em todos os níveis: da máquina e da oficina à invenção tecnológica, dos trabalhadores aos gestores. O estímulo ideológico dissimula a operação suicida. Aquilo que se vale de todas as suas forças na produção, que a acresce sem medida ou efeitos, se devota à destruição: ao desemprego, em princípio, seguido pela substituição pelo automático (máquina de comandos numéricos etc.). Único obstáculo: as disponibilidades para o investimento.

18 Eis um conflito suficientemente profundo. A sociedade, mesmo ou especialmente "socialista", arrisca tornar-se o conservatório de formas obsoletas (tecnicamente) do trabalho produtivo. Ou ainda excluir os trabalhadores (que eles procuram em outros lugares e de outro modo de viver, como já se diz, do lado "capitalista". Não sem resultados, nem efeito!)

19 Nas condições existentes, às vezes o produtivismo facilita a reprodução (repetitiva) das relações (sociais) de produção (se preferimos uma outra palavra: sua *recondução*) – e a formação do *sobreproduto*, o que é uma questão em outros lugares. Sem esquecer a baixa tendencial das taxas de lucro (e a luta contra isso...).